

O Discipulado Cristão - Estudo 6

Elaborado por Leandro Abrantes

estudosmec@pibrij.org.br

Discipulado Cristão na Carta aos Filipenses

(Fp 3-4)

Os discípulos da igreja em Filipos estavam enfrentando problemas com mestres judaizantes disseminadores de falsas doutrinas, chamados, em Fp 3.2 de “cães” e de “os da falsa circuncisão”. Convém notar que o termo *cães* não é usado aqui como um xingamento, com o sentido que teria em português. No contexto judaico, os cães eram animais considerados impuros, porque vagavam pelos caminhos e se alimentavam de animais mortos por predadores maiores. O que Paulo está a dizer aqui é que, justamente estes mestres que se criam mais puros que os outros (exigindo-lhes pureza cerimonial), eram, na verdade cães, isto é, impuros, pois pregavam a circuncisão física como imagem da aliança com Deus, e desconsideravam a “circuncisão do coração”.

Enquanto a circuncisão era sinal da antiga aliança, de caráter físico e superficial, o sinal da nova aliança deve ser uma transformação total e profunda, que começa com a remissão pelo sacrifício de Cristo e segue com a santificação, operada pelo Espírito Santo em nós. Assim sendo, cumprir a circuncisão veterotestamentária não confere maior santidade a ninguém. Na nova aliança, é necessário fazer a

“circuncisão do coração”. Além disso, por trás da exigência de circuncisão pelos mestres judaizantes, estava uma atitude de preconceito em relação aos gentios. Os não judeus eram chamados pejorativamente de *incircuncisos*, ou seja, impuros, indignos, marginais, seres humanos inferiores. No entender de tais mestres, Deus não poderia ter aliança com esse tipo de gente inferior, sem que eles se purificassem pelos rituais do Antigo Testamento, tornando-se judeus. No entanto, Deus revelou-se a todos e sua graça foi derramada sobre judeus e gentios.

Como discípulos, devemos estar atentos para não cairmos em armadilhas semelhantes às que os filipenses enfrentavam: considerar-nos melhores que os outros por conta de algo que fazemos. Nossa denominação, nossa vida de dedicação e piedade, os cargos que ocupamos na igreja, ou os títulos que viermos a ter não nos fazem merecedores da graça de Deus, nem nos tornam “mais crentes” que os outros. Nada disso deve embaçar nossa visão do Reino e nosso objetivo de seguir e servir ao nosso Mestre, Jesus. A postura de Paulo frente às características que eram tão valorizadas pelos mestres judaizantes da época é a de considerá-las todas sem qualquer valor diante de Cristo. A imagem criada por Paulo é bastante

forte. A palavra por ele usada, que aparece como “esterco” ou “escória” em certas traduções, quer dizer literalmente *excremento*, ou seja, algo que não se pode aproveitar. Paulo estava dizendo que tudo aquilo que era tão apreciado pelos judaizantes, era, na verdade, lixo imprestável diante da graça salvadora de Cristo.

Mais adiante, Paulo afirma que essa perspectiva é própria do discípulo que alcançou maturidade. Este discípulo não se deixa levar pelas distrações terrenas da carnalidade e da religiosidade formal, mas prossegue em direção ao alvo que é identificar-se, cada vez mais com Cristo. Certamente, outra área que requer do discípulo uma visão amadurecida é a do relacionamento interpessoal. Quantos perigos há nesse campo! No início do capítulo 4, Paulo chama a atenção de Evódia e Síntique, cujo desentendimento aparentemente havia chegado ao ponto de trazer consequências negativas para a comunidade de fé em Filipos. “Vivam em harmonia no Senhor.” Essa é uma importante lição para nós. E muito difícil também. Relacionar-se com as pessoas requer amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Em outras, palavras, requer o exercício do fruto do Espírito! E é exatamente isso que Paulo ressalta nos versículos seguintes. Como discípulos de Cristo, devemos assumir a responsabilidade de buscar a comunhão com nossos irmãos, ainda que essa tarefa nem sempre seja fácil.

Por fim, Paulo agradece a ajuda que os irmãos filipenses lhe enviaram na prisão, e aqui cabe um esclarecimento. Nas prisões antigas,

os detentos não recebiam alimentação ou qualquer outro item pessoal. Tudo isso devia ser providenciado pelo próprio preso através de amigos e familiares. Era disso que Paulo estava falando: os filipenses haviam mandado ajuda para ele na prisão – provavelmente roupas, comida e itens pessoais. É nesse contexto de enormes dificuldades que Paulo diz a célebre frase “Tudo posso naquele que me fortalece”. Este versículo tão repetido – muitas vezes com o sentido torcido – é, na verdade, testemunho de alguém que depende totalmente do Senhor e está disposto a viver a fartura, a fome; a liberdade, a prisão porque é o Senhor que o fortalece.

Com Fp 3 e 4, aprendemos que a vida cristã não é um mar de rosas. Contudo, o discípulo de Cristo não se deve deixar levar pelas mais variadas dificuldades que certamente aparecerão: a distração da religiosidade formal, os desafios da comunhão cristã e as privações e dificuldades materiais a que todos estamos sujeitos. Nenhuma dessas circunstâncias é maior que a graça de Deus. Devemos enfrentar tudo isso com intrepidez, mantendo nosso olhar fixo no alvo, que é Cristo, nosso Mestre, que nos fortalece.